

PANORAMA

www.aese.pt

A idade de ouro da inovação

Apesar da imagem popular de jovens empreendedores de sucesso, os dados demonstram que as pessoas que têm mais de 40 anos costumam ser mais inovadoras, segundo explica Stefan Theil na *Newsweek*.

O perfil do fundador de uma *startup* de alta tecnologia não é o de um recém-licenciado prodígio, mas o de um homem de 40 anos, engenheiro ou executivo, com mulher e filhos, que se cansou de trabalhar para os outros.

Assim o descreve Vivek Wadhwa, professora da Universidade de Duke, depois de estudar 549 casos de sucesso de lançamentos de empresas tecnológicas. Os empreendedores mais velhos têm maiores possibilidades de triunfar quando começam um negócio. As razões fundamentais são principalmente três: a acumulação de experiência nas suas áreas tecnológicas, um maior conhecimento das necessidades dos seus clientes e o tempo investido no desenvolvimento da sua rede de apoios, incluindo os patrocinadores financeiros.

O sucesso destes empreendedores não tem uma grande repercussão mediática, porque, em geral, as suas empresas não se dedicam a produtos de fácil compreensão para o público comum, costumando sim envolver-se no desenvolvimento de inovações mais complexas em campos como a biotecnologia, a energia ou o *hardware* para tecnologias da informação.

A empresa que cresceu mais rapidamente segundo o número da revista *Forbes* «Fast Tech 500» foi a First Solar, fundada em 1984 por um inventor de 68 anos. Os fundadores da segunda empresa que figura no *ranking*, a Riverbed Technology, tinham 51 e 33 anos quando a lançaram. A terceira, a Compellent Technologies, teve fundadores de 45, 55 e 58 anos. Muito menos a Internet é necessariamente um negócio reservado para os mais jovens. A Zynga, a empresa que está por detrás do Farmville e de outros populares e cativantes jogos com os quais vai facturar mais de mil milhões de dólares neste ano, foi fundada por Mark Pincus, de 44 anos.

A *Newsweek* vai mais longe e interroga-se sobre o que se passa então não já com os empreendedores, mas com os trabalhadores normais, se tem sido demonstrado que ser jovem não é um factor de sucesso obrigatório, mas o contrário.

Algumas empresas importantes solicitaram investigações e estudos para poderem defender os seus planos de reforma antecipados, mas tiveram de rectificar os seus propósitos, porque os resultados mostravam que os mais velhos não só tinham grandes ideias para melhorar e tornar mais eficientes os procedimentos, como as suas inovadoras propostas também representavam maiores rendimentos para a empresa, em contraste com aquelas que tinham origem nos grupos formados por pessoas mais jovens.

De onde vem pois a ideia de que as pessoas mais velhas são menos produtivas ou menos propensas à inovação? Segundo David Galeson, economista da Universidade de Chicago, deve-se principalmente a alguns estereótipos culturais muito arraigados na sociedade. Galeson descreve dois tipos de criatividade: o primeiro baseado em novos e radicais conceitos, no qual se encaixa melhor a inovação dos mais jovens e dá como exemplo Picasso; e o segundo mais baseado na experimentação e próprio de uma idade mais avançada (Cézanne, Darwin). Este último tipo de inovação é mais hesitante e muitas vezes mais progressivo.

A falsa ideia de que somente o primeiro tipo é uma inovação verdadeira acarreta tristes efeitos, segundo Wadhwa. Essa é a razão pela qual muitos fundos de capital de risco não costumam responder aos contactos dos empreendedores que têm mais de 40 anos.

«O meu papá chama-se Doador»

O estudo mais completo realizado até agora sobre pessoas concebidas com esperma de doador, mostra que acusam a ausência do pai natural de modo semelhante aos filhos adoptivos. Têm também problemas psíquicos e de comportamento parecidos, e nalguns aspectos piores.

As pessoas concebidas com esperma de doador sentem inquietação ou confusão acerca das suas origens, num maior grau que aquelas que são filhos adoptivos. Um dos seus principais receios é o pensamento de que podem ter meios-irmãos, descendentes do mesmo doador, e estabelecer relação sexual com algum sem o saberem. Isto já se sabia por testemunhos de interessados, mas agora existe maior certeza graças a um estudo, o mais completo efectuado até hoje, feito nos Estados Unidos.

Os autores são Elizabeth Marquardt, Norval Glenn e Karen Clark. Marquardt é investigadora do Institute for American Values; Glenn é professor de Sociologia na Universidade do Texas; Clark foi concebida com esperma de um doador anônimo, e desde que o soube, aos 18 anos, trabalha para que as pessoas como ela possam conhecer as suas origens. O estudo, *My Daddy's Name is Donor* («O meu papá chama-se Doador»), foi realizado sobre uma amostra de 560 filhos de doadores, que são comparados com dois grupos dessa mesma dimensão: um de órfãos que foram adoptados na infância, e outro de nascidos no seio de um casamento. Nos três grupos, os inquiridos têm entre 18 e 45 anos.

Para entender melhor os resultados do estudo, convém conhecer o cenário da doação de esperma nos Estados Unidos. À falta de estatísticas, pois não é exigido um registo, estima-se que nasçam anualmente nesse país entre 30 000 e 60 000 crianças através de tal procedimento. Na grande maioria dos casos, o doador mantém-se no anonimato. Não se proíbe o seu pagamento, que é o mais frequente. Muito menos existe um limite para as doações, e os doadores com características físicas mais solicitadas costumam fazer muitas. Conhecem-se casos de homens com cujos gâmetas se geraram até 400 crianças.

Segundo o estudo recém-publicado, a maioria dos filhos de doadores aprovam em geral este método de fecundação artificial. Mas muitos reconhecem que saberem ter sido concebidos de tal forma lhes cria inquietação, tanto pelo facto em si, como porque houve dinheiro nesse processo (cerca de metade consideram errado remunerar a doação).

Também os afecta a incerteza sobre as suas origens. Mais de dois terços pensam muitas vezes como será a família do doador, e interrogam-se sobre se os pais dele gostariam de os conhecer. Mas metade receiam que, se procurarem informação sobre o doador ou tentarem entrar em contacto com ele, provoquem o desgosto dos seus pais. Algumas preocupações que os filhos adoptivos também têm afectam-nos mais. Metade deles ficam tristes ao ver os amigos com os seus pais naturais ou quando os ouvem falar dos seus ascendentes, algo que sucede a menos de um terço dos que foram adoptados. Mais de 2 em cada 5 sentem-se confusos sobre quem é seu parente e quem não é (15% entre os filhos adoptivos).

Inquieta-os pensar que podem ter meios-irmãos: ficam sobressaltados quando vêem alguém que se parece com eles, respondem cerca de dois terços (menos de metade, com os filhos adoptivos). Cerca de 50% receiam a possibilidade de que seja uma pessoa pela qual se venham a enamorar (17%, com os filhos adoptivos).

Quanto à trajectória vital, os concebidos por doação de sêmen estão pior em vários aspectos. São aqueles que numa maior percentagem passaram pelo divórcio dos pais antes de chegarem aos 16 anos. Entre eles há alguns problemas sérios com maior frequência do que entre os criados com os seus pais naturais: delinquência, 2 vezes mais; transtornos psíquicos, 1,5 vezes mais; consumo de drogas, 2,3 vezes

mais. Os adoptados não estão melhor, a não ser em matéria de drogas.

Entre os filhos de doadores, o estudo distingue três tipos, de acordo com quem foram criados: com a sua mãe (natural ou, se houve além disso gestação de substituição, somente legal) e o marido dela, com a sua mãe sozinha ou com uma união de lésbicas. Não há grandes diferenças entre estes grupos, mas os filhos de mães sozinhas destacam-se pelos seus resultados sensivelmente piores nalguns aspectos: saudade do pai que não conhecem, delinquência, droga.

Também são diversos os modos como conheceram a forma da sua concepção: a alguns, os pais disseram-lhes desde o início tudo o que se havia passado; a outros revelaram mais tarde; outros ainda tomaram conhecimento através de outras vias. O estudo não teve possibilidades de incluir filhos de doadores que não sabiam que o são, algo que também acontece. Isto é importante para eles, pois a ocultação da verdade provoca-lhes desconfiança. De facto, dois terços de todos eles pensam que qualquer pessoa gerada assim tem o direito de saber quem é o seu pai «genético», e aqueles a quem se ocultou a verdade são, com grande diferença, os que mais problemas psíquicos ou de comportamento apresentam.

Ora, advertem os autores, a sinceridade não elimina as dificuldades. Também aqueles a quem se disse a verdade desde o princípio, têm um maior risco de cair na droga ou na delinquência, embora não de sofrerem transtornos psíquicos.

De qualquer forma, uma clara maioria deles (61%) são favoráveis à doação de gâmetas, posição que nos grupos de controlo não chega aos 40%. E mais, 1 em cada 5 doou gâmetas ou foi «mãe de aluguer», enquanto que entre os restantes inquiridos mal se encontram casos desses. Ao mesmo tempo, no entanto, os nascidos de doadores são os que numa maior percentagem (37%) desaconselhariam a doação de gâmetas a uma amiga que encarasse usá-la.

Os autores concluem com um chamamento à prudência. Como mostra o estudo, as pessoas que foram concebidas com esperma de doador e as adoptadas apresentam inquietações e problemas semelhantes devidos à ausência dos pais naturais, além de as primeiras sofrerem mais que as segundas em vários aspectos. A adopção supre na medida do possível uma carência irremediável; mas aquilo que tem sido observado com os outros, «deveria suscitar alguma cautela antes de negar que se tente proporcionar a uma criança a possibilidade de ser criada com os seus pais naturais, que é aquilo que se faz com a reprodução assistida através da doação de gâmetas».

A onda pró-vida cresce, apesar de Hollywood

Um inquérito recente da Gallup sobre a avaliação moral de algumas questões sociais, como a pena de morte, a investigação com células estaminais ou o aborto, fez salientar

a distância existente entre aquilo que os meios de comunicação social mostram e o que as pessoas comuns opinam, pelo menos nos Estados Unidos. Embora seja verdade que as percentagens dos inquéritos variam em função do modo como são feitas as perguntas, os resultados da última investigação da Gallup revelam que 50% dos norte-americanos entrevistados consideram que o aborto é moralmente incorrecto, contra os 38% que o qualificam de aceitável. E, além disso, 48% dos norte-americanos afirmam ser pró-vida, contra 45% que se mostram defensores do *pro-choice* ou direito de escolher, uma surpreendente vantagem de três pontos que se repete pelo segundo ano.

Num artigo publicado no *The Wall Street Journal* (1 de Junho de 2010), William McGurn, que foi chefe editorial do diário e autor de numerosos discursos políticos na etapa política de Bush, afirma que esta percepção moral contrária ao aborto se torna «extraordinária», tendo em conta a mensagem *pro-choice* predominante nos filmes, na televisão, na imprensa e no ambiente universitário, e destaca que, apesar de todo esse ambiente, não se conseguiram erradicar as objecções morais às práticas abortivas.

Na sua opinião, para estas percentagens significativas sobre o sentir comum dos norte-americanos foi dado todo o tipo de explicações: desde que aqueles cujas respostas foram dadas assim, na realidade não queriam dizer que estivessem contra o aborto, até que, em geral, o que há é uma grande confusão, apoiando-se na falta de correspondência entre os que consideram ser o aborto imoral e os que defendem a sua ilegalização. McGurn, que ironiza sobre a bateria de justificações adiantadas para as percentagens *pro-life*, adverte que entre ambas as posições não existe contradição, visto o aborto poder ser considerado um mal moral e, simultaneamente, estar despenalizado.

Para McGurn, as conclusões da Gallup sobre o aborto não pretendem provocar mudanças na política social, mas são uma amostra de sensibilidade geral favorável à vida a que se deveria prestar maior atenção e, no entanto, ela mal se reflecte na imprensa, nos argumentos de cinema e de televisão, a não ser nalguns meios de comunicação de carácter religioso.

(in The Wall Street Journal)

A Alemanha permitirá às crianças fazer barulho

Passar do sancionamento da barulheira própria das crianças, a considerá-la «música celestial», é um claro sintoma da importância que desde há algum tempo o governo alemão dá à estratégia para superar o declínio demográfico do país.

Até ao momento, estava em vigor na capital alemã uma lei restritiva contra a poluição acústica, que incluía também os ruídos provocados pelas crianças. Qualquer pessoa podia

denunciar ruídos sem limitação de horário – a qualquer hora e local - e sem necessidade de serem exageradamente incómodos. Este contexto não favorecia propriamente a convivência e, pelo contrário, contaminava as relações de vizinhança, além de provocar o receio de ter vários filhos e de impulsionar qualquer iniciativa empresarial relacionada com o mundo infantil: criação de creches, construção de parques de jogos, etc. De facto, uma série de acções judiciais contra o barulho produzido em jardins infantis, teve sucesso nos tribunais locais.

Agora, o parlamento regional de Berlim aprovou uma emenda à lei para tolerar o barulho produzido pelas crianças nos parques, creches e escolas. «O barulho de crianças a brincar é uma manifestação apropriada da infância e fundamentalmente tolerável no interesse da preservação do seu desenvolvimento», defendeu num comunicado o Partido Social-Democrata (SPD), promotor da emenda.

Esta medida não será a única a tomar a favor da natalidade. Faz parte de um conjunto de iniciativas que o governo federal aplicará em 2010 para ajudar as famílias numerosas, entre as quais se incluirão as destinadas a facilitar o aluguer de habitações com o espaço apropriado.

A necessidade de incentivar as políticas familiares na Alemanha vai além do âmbito institucional. Já em 2008, vários meios de comunicação privados lançaram uma campanha publicitária que salientava a importância de haver mais crianças, apesar dos inconvenientes habituais associados à sua criação e educação.

A Alemanha era, em 2006, um dos países com fecundidade mais baixa (1,32 filhos por mulher). Em 2007, depois de começar a aplicar medidas favoráveis à família, elevou a sua taxa para 1,37, ainda longe da Irlanda, França e Suécia, os países da União Europeia com um indicador de fecundidade mais elevado, segundo os dados do Eurostat correspondentes a 2007, último exercício fechado.

A Irlanda regista 2,01 filhos por mulher em idade fértil, a França 1,98, a Suécia 1,88, e a Finlândia 1,83. A fertilidade espanhola é paralela às da Grécia e Letónia (1,41), Áustria (1,38) e Chipre (1,38), superando a de Portugal (1,33). Os índices de fertilidade mais baixos do continente registam-se na Hungria (1,32), Polónia (1,31), Roménia (1,30) e Eslováquia (1,25).

A «religião a pedido» do Padrinho

O consumidor exigente está tão acostumado à possibilidade de escolher que muitas vezes leva esta mesma atitude para o campo religioso. Não se trata já só da natural liberdade religiosa para escolher uma religião de acordo com o que lhe ditar a sua consciência. Aquilo que se difunde hoje em dia, é o menu a pedido dentro de uma religião. Há quem se considere

católico – ou anglicano, ou protestante –, mas sem que isso signifique aceitar todo o pacote em bloco. Ter-se-á de ver o que se aceita ou se rejeita em cada caso.

Esta religiosidade moderna e autónoma não renuncia a fazer passar por um crivo a doutrina ou a moral, para adoptar uma religião a seu gosto, adaptada ao seu estilo de vida. E que ninguém discuta consigo o seu direito de se considerar católico e de participar nos ritos religiosos na medida em que o achar conveniente. Pelo contrário, a aceitação «acrítica» do que a autoridade da Igreja propõe como doutrina de fé e moral seria um sinal de falta de maturidade.

Esta atitude parece muito moderna, mas na realidade não é muito original. Sempre houve grupos que se consideraram religiosos a seu modo. Por exemplo, a máfia siciliana. O cinema acostumou-nos às imagens do Padrinho, que assiste devoto a casamentos e baptismos da família, e procura o contacto com homens da Igreja e oferece donativos. Embora estas imagens tenham muito de documentário, não se pode ignorar que as crónicas sobre o fenómeno mafioso deixam ver relações entre religião e máfia.

Alessandra Dino, socióloga da Universidade de Palermo, estudou esta relação entre Igreja, religião e Cosa Nostra no seu livro *La mafia devota. Chiesa, religione, Cosa Nostra*; Ed. Laterza, Bari, 2008, de que dá conta a revista *Studi Cattolici*. Não é um livro de denúncia, mas uma tentativa de compreender estas relações antinaturais, «procurando não fazer julgamentos e não tomar posição».

Do seu retrato emerge que o mafioso siciliano é um homem que respeita os ritos religiosos, pois baptismos, funerais e casamentos devem realizar-se de acordo com a tradição religiosa. Assim, acontece que membros de organizações criminosas manifestam o desejo de tomar parte nas cerimónias religiosas e até de se aproximar dos sacramentos. Se noutros lugares o problema levantado é o de poder dar a comunhão ao político que apoia o direito ao aborto, na Sicília a questão pode ser o que fazer perante o mafioso devoto que vem à igreja.

A socióloga dá conta de procissões, de irmandades e de cerimónias às quais os mafiosos fazem gala em participar, exibindo uma religiosidade aparatosa, não só para legitimar o seu poder, como também enquanto manifestação do seu respeito pelas tradições de um povo.

E mais, nos seus ritos de iniciação mafiosa, utilizam por vezes símbolos de origem sacra, que reforçam a relação entre o mafioso e a religião.

Como compatibilizam estes sentimentos com as suas actividades criminosas? Será a sua religiosidade pura hipocrisia? Alessandra Dino não o considera. O que sucede é mais uma autolavagem cerebral que lhes permite justificar a própria escolha de vida. «A banalidade do mal», escreve Dino, «reside na convicção de poder justificar a história própria, as acções próprias, os delitos próprios à luz de uma fé, de uma religiosidade na qual o Deus venerado se reproduz à sua própria imagem e semelhança...»

Daí não pensarem ter alguma coisa de que se arrependem. «Nesta relação com Deus e com a fé, a convicção de fazerem o que é correcto, elimina à partida o sentimento de culpabilidade, porque a vontade da organização é lei, lei de Deus, e o chefe mafioso é o mediador incontestado.»

A atitude de não se sentirem culpados e o facto de separarem as crenças religiosas e o «trabalho» mafioso, são amostras típicas da deformação de consciência a que conduz neste caso a religiosidade a pedido.

É verdade que, no conjunto da sociedade, a maioria dos adeptos da religião a pedido não incorrem nestes extremos delituosos. Mas o caso da máfia devota esclarece que facilmente aquilo que se apresenta como uma fé adaptada ao estilo de vida próprio e às ideias pessoais leva a uma deformação de consciência.

Acostumados a uma relação não conflituosa com a Igreja, os mafiosos de hoje não conseguem entender a atitude de uma nova geração de eclesiásticos que puseram em discussão tais vínculos. Não é que antes aceitassem como boas as práticas mafiosas, mas, segundo Dino, o clero de Palermo abordava sobretudo o problema da conversão individual do mafioso, sem prestar a devida atenção às raízes sociais e aos efeitos danosos das acções criminosas. Agora, o clero passou a dar um testemunho corajoso contra as actividades da Cosa Nostra, e os mafiosos sentem-se incomodados com este «ultrapassar de fronteiras» da Igreja. Tendo de escolher, prefeririam também uma Igreja confinada ao templo.

J. D.